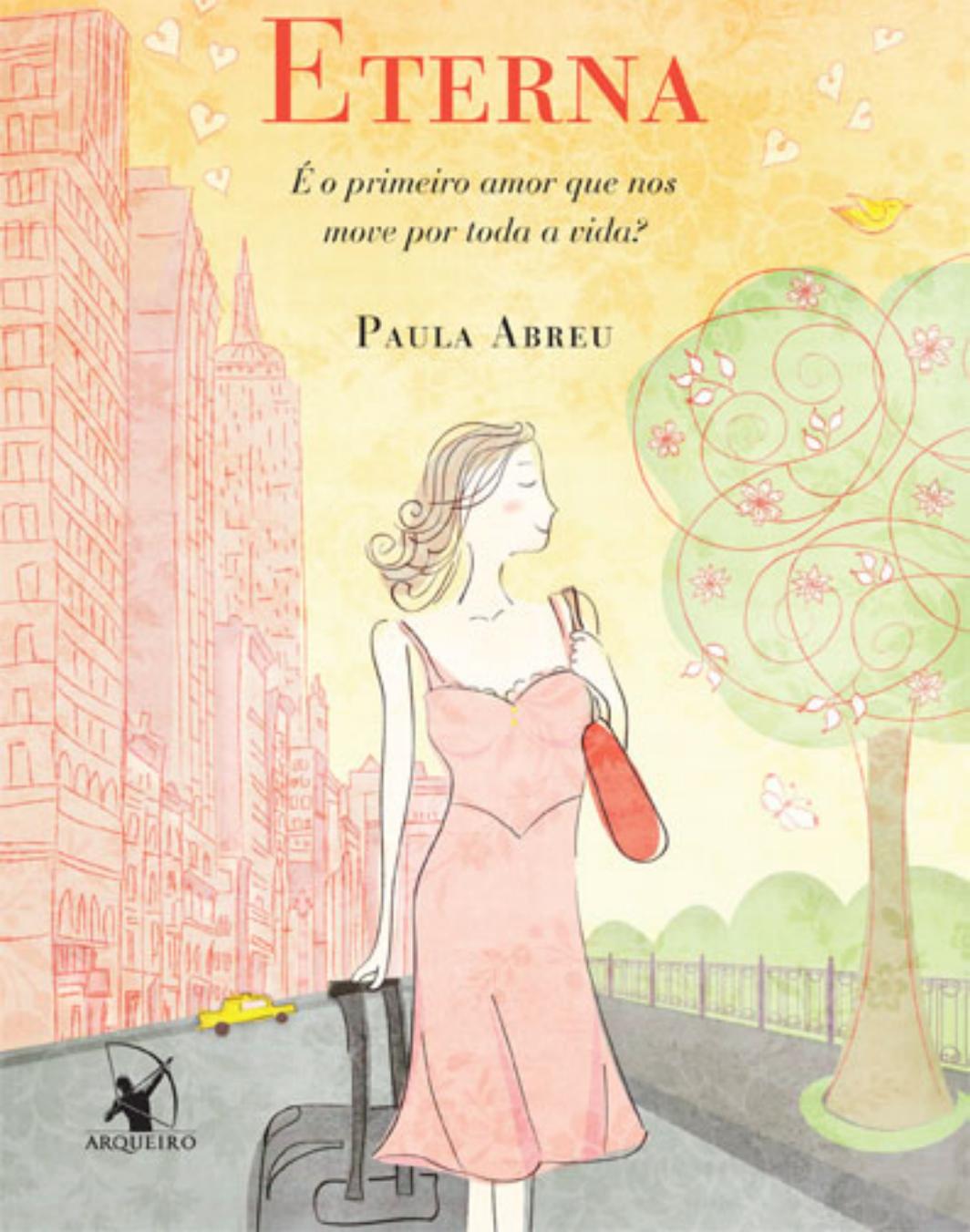


PRIMAVERA ETERNA

*É o primeiro amor que nos
move por toda a vida?*

PAULA ABREU



“Qualquer destino, por mais longo e complicado que seja, vale apenas por um único momento: aquele em que o homem compreende de uma vez por todas quem é.”

JORGE LUIS BORGES

“Hoje acordei normal, como antes de fazer treze anos.”

ADÉLIA PRADO

Apresentação

Há pouco mais de dez anos, eu acordava todos os dias às quatro e meia da manhã para escrever meu primeiro livro: este que você agora tem em mãos.

Naquele tempo, eu tinha 25 anos, estava casada com meu segundo marido, não tinha filhos e trabalhava como advogada em um grande escritório que consumia a maior parte do meu tempo durante a semana.

Acordar quando o céu ainda estava escuro e estrelado não era fácil, mas eu tinha uma história para contar: a história de um primeiro amor que se misturava à história da descoberta do amor por si mesmo, que escondia também a história do amor pelo trabalho que a gente nasceu para fazer, e que, no fim das contas, era a minha própria história.

Desde os 7 anos de idade eu dizia a todos que queria ser escritora quando crescesse. Mas, naquela época, se al-

guém me perguntasse o que eu fazia, minha resposta automática era:

“Sou advogada.”

Porque, assim como Maia, eu havia desistido do meu sonho de ser escritora para ser aquilo que outras pessoas consideravam “bem-sucedida”.

Qual não foi a minha surpresa ao descobrir que o sucesso, quando não é baseado naquilo que você ama e em que acredita, não significa felicidade!

Hoje, mais de dez anos depois, posso dizer que minha vida mudou por completo. Tenho 37 anos, adotei um filho que hoje tem 6 anos, me divorciei mais uma vez e, o que costuma ser o mais chocante para todos: abandonei meus quinze anos de carreira como advogada para seguir a minha paixão e ganhar a vida escrevendo.

Escrevi outros quatro livros depois de *Primavera eterna*. Em um deles, *Escolha sua vida* (publicado pela Editora Sextante), conto como aconteceu essa transformação. Além disso, escrevo e publico vídeos no meu site (www.escolhasuavida.com.br), onde você pode baixar gratuitamente dois dos meus livros (e espero que você faça isso!).

Agora, quando me perguntam o que eu faço, respondo sem pensar duas vezes:

“Sou escritora.”

Ao receber o convite para fazer uma edição comemorativa de dez anos do *Primavera eterna*, corri para fazer algo que tenho feito pelo menos uma vez a cada dois anos: reler o livro.

Precisava saber se ainda faria sentido publicá-lo, dez anos depois, diante de todas as mudanças na minha vida e em mim mesma.

Reli. Ri, me emocionei e me dei conta de que, dez anos depois, *Primavera eterna* ainda é uma história que eu gostaria de contar. Hoje, tendo realizado o sonho daquela menininha de 7 anos que um dia eu fui, este livro faz ainda mais sentido para mim.

Paula Abreu

1

Ó que maravilha! Tinha feito de novo. Lá estava eu, metida em mais uma das minhas encrencas, a quilômetros de casa, do trabalho, do namorado, de tudo. Numa manhã que me fazia suar de calor e de nervosismo, apesar do ar-condicionado central do hotel. Tudo muito parecido com minha concepção clássica do inferno. E ainda havia um toque de mestre para completar o quadro: minha imagem patética refletida no espelhão do banheiro.

Eu e minhas grandes ideias. Eu e minha grande boca que, ó Deus!, era grande mesmo. E com aquele meu projeto de bigodinho de porteiro ali, sem solução, porque imagina se num hotel em Nova York eles vão ter cera quente para uma carioca maluca depilar o... bigode?!

Lá estava eu, no banheiro do hotel, tentando disfarçar todos os meus muitos defeitos, um tiquinho de corretivo

aqui, outro ali, um pouco de blush para parecer saudável, um rímel para realçar o olhar. Como se fosse possível notar qualquer coisa por trás dos meus óculos idiotas.

Já podia até me imaginar, em plena Primeira Avenida, sendo interpelada por um caça-talentos americano, impressionado com a quantidade de maquiagem no meu rosto:

– *Ow!* Temas uma papel perfeita para voxê na nossa *soap opera!*

Aí ele colocaria o meu cabelo para cima, passaria um pouco de laquê e eu começaria a chorar imediatamente, porque John, *oh my God*, John sofreu um acidente e... ficou... paraplégico! *Ow!*

Fazia mais de uma hora que eu estava ali, em frente ao espelho, tentando consertar os erros do Criador, que podia muito bem – o que custava? – ter deixado o Adão para lá e me feito de uma costela da Marilyn Monroe.

Mas não. Devia ser muito mais divertido para Ele me ver ali, sozinha com aquele espelho gigantesco e opressor, tentando dar um jeito para que aquele monte de partes dissesse em uma só palavra tudo o que eu era hoje. Para que Diogo percebesse que eu era uma mulher independente e madura, mas ao mesmo tempo reconhecesse em mim a menina de 12 anos que ele havia conhecido.

No fundo, eu não estava tentando fazer nada de diferente do meu trabalho: tinha que convencer alguém de

quanto eu era especial, expondo meu caráter em duas ou três peças de roupa, assim como precisava expor todas as qualidades de um produto em vinte ou trinta segundos. Convencer o consumidor de que ele seria muito mais charmoso se usasse a roupa da marca xis, muito mais arrojado dentro de um carro da marca ípsilon, muito mais sexy com o desodorante da marca zê. E faria sucesso com a mulherada se bebesse a cerveja da marca... ora, qualquer marca, o importante mesmo era encher a cara para achar qualquer baranga bonita.

Então, quais eram as chances de ele estar bêbado às onze e meia da manhã de um domingo?

Saí apressada do hotel e lá estava eu na esquina onde tínhamos combinado o encontro. Ele ainda não tinha chegado. Vai ver estava no boteco mais próximo, tomando todas. Tomara!

Os sapatos da gringalhada passavam apressados de um lado para outro. Detive-me num par de tênis bem branquinhos, nos pés de uma executiva de *tailleur*. E eu me achando toda moderna porque ia trabalhar de calça jeans e All Star. Vai ver ela era apresentadora de algum telejornal e aparecia só da cintura para cima.

A mulher assobiou e um táxi amarelo surgiu do nada, parando bem na minha frente. O motorista era um bigodudo de pele amarelada, que não moveu absolutamente

nenhum músculo do rosto enquanto ela entrava no carro. Aquela moça estava encrascada, com certeza. Digo isso por experiência própria: certa vez peguei um táxi do aeroporto até o hotel, com um motorista que não usava turbante, mas tinha cara – e sotaque – de indiano ou coisa parecida. Nunca vou descobrir, já que ele só conseguia gritar “Uéri?”, “Uéri?”, e só entendeu o nome do meu hotel quando escrevi num guardanapo, em letras garrafais.

Distraída com a apresentadora de telejornal que partia, só reparei no cachorrinho de cara amassada quando ele já estava agarrado na minha canela fazendo “coisas”. Não era, mas parecia muito um pequinês, daqueles que tinham sumido do mapa havia um bom tempo. De vez em quando via-se um ou outro em Copacabana, a Flórida carioca, mas eles conseguiam ser mais velhos e decrépitos que seus donos de 187 anos. Era uma competição para ver quem morria por último.

– Agora não, Charlie! – a dona do cachorrinho gritou e sorriu para mim.

Sorri de volta, imaginando se haveria uma hora certa para o Charlie fazer “coisas”. Ela deitada numa cama rosa com dossel, com bobes no cabelo, creme verde espalhado no rosto, como se fosse fazer muita diferença, puxando as cobertas com as mãos e gritando: “Oh, querido, venha cá com a mamãe...”

Eu estava me sentindo uma palhaça em Nova York. Tinha largado tudo no Rio de Janeiro por conta daquele encontro e, agora que estava ali, só agora, me dava conta de quão maluca havia sido. Estava nervosa como uma adolescente e minhas mãos suavam. Eu me achava mais feia, mais gorda e mais baixa do que nunca. E mais burra também. Burra, burra, mil vezes burra.

Porque, àquela altura, começava a ficar claro para mim que ele não apareceria. Estava quinze minutos atrasado e, tudo bem, quinze minutos não é muito, mas eu conhecia a peça. Tinha ficado quatro horas esperando por ele anos antes, no metrô de Botafogo. Isso mesmo, ele tinha me ensinado a não confiar nos homens e nas suas promessas. Quinze minutos, depois de treze anos, tinham um peso diferente.

Para dizer a verdade, eu já nem sabia mais se queria que ele aparecesse. Se ele não viesse, veja só, eu poderia voltar para o Rio, para a minha vidinha feliz e cor-de-rosa, e poderia passar mais dez anos o odiando e xingando de todos os palavrões possíveis. Poderia até inventar novos palavrões para dizer quanto ele tinha sido cretino.

Mentira. Eu queria que ele aparecesse, sim. Queria que ele tapasse meus olhos como nos filminhos da sessão da tarde e perguntasse “Adivinha quem é?”. Então iríamos nos olhar e perceber que tínhamos sido feitos

um para o outro e, ó Deus!, como conseguimos viver separados por tantos anos? Depois rodaríamos a cidade toda num conversível vermelho e lustroso, ao som de um roquinho mela cueca e feliz. Daqueles que costumam tocar nos tais filminhos sempre que namorados reformam uma casa caindo aos pedaços, se sujando de tinta, para depois descansar suados e apaixonados no chão limpinho da nova casa mais bonita do bairro; ou enquanto a menina nerd e feia de óculos fundo de garrafa, aparelho e trancinhas no cabelo se transforma em bonita e gostosona. Seríamos nós reformando o nosso amor como se reforma uma casa velha nos filmes B.

Enquanto ele não chegava, eu inventava as suas namoradas. Melanie, uma loira de bochechas rosadas, paixão dos tempos de colégio, quando era líder de torcida e agitava pompons coloridos aos pulos. Antes dela, o primeiro beijo, à beira de um lago com uma ruiva, Julie, de sardas no nariz e dentes bem brancos, muito mais brancos que os meus. Eles tinham terminado porque Julie era virgem e só queria transar depois do casamento e, veja bem, ele não tinha planos de se casar aos 14 anos, embora estivesse muito curioso para saber se ela era ruiva mesmo.

Nada que a infinita bondade de Pamela não pudesse remediar, com seus pentelinhos loiros de fábrica e sua risada de gralha que acabaria levando ao fim da relação.

Enquanto ele se apaixonava loucamente pelas americanas peitudas e vivia romances com musiquinhas da Broadway ao fundo, eu ia colecionando todos os sapos do Rio de Janeiro. E, não, eles não se transformavam em príncipes com o tempo, mas em idiotas completos. Como Pedro, que a essa hora devia estar em casa inventando alguma surpresa mirabolante para o dia da minha chegada, tipo pipocas de micro-ondas sabor caramelo. Ah, o homem romântico do século XXI!

2

De pé na Primeira Avenida, a espera interminável pelo reencontro me fez lembrar as viagens para nossa casa no interior do Rio.

Aos 12 anos, minha principal diversão durante o trajeto era observar a paisagem se transformar de prédios em fábricas e galpões cada vez maiores e mais distantes uns dos outros, e depois em morros verdes com bois e vacas espalhados feito meus bonecos de madeira. Intrigada, eu me perguntava de quem eram aqueles animais. Quem ia lá botar comida nos pratinhos deles e afagar suas cabecinhas peludas? Ficava bolando um roubo cinematográfico: eu chegaria em um furgão reluzente, vestida com a minha fantasia de Mulher Maravilha – que mesmo naquela época já devia estar meio apertadinha –, colocaria a bicharada toda para dentro e levaria para casa. Sem dúvida seria di-

fácil convencer minha mãe a me deixar ter alguns boizinhos em casa, mas talvez eu pudesse escondê-los debaixo da cama e, quem sabe, ela, distraída que só, nem notaria.

Quando minha cleptomania bucólica se dissipava e eu voltava a avistar a civilização, ela já não era mais como eu conhecia. Sobre o chão de terra batida, havia mais casas do que prédios, sempre pequenos e antigos. As casas, menores ainda, pareciam aquelas que eu construía com meus bloquinhos de madeira colorida, capengas, prestes a desmoronar com um peteleco. Eu pensava num grande dedo divino derrubando as casas daquela gente amarela de roupas sem cor, exatamente como eu costumava destruir civilizações inteiras de formigas com uma pegada distraída.

De repente, a pequena aldeia desaparecia e a paisagem monótona pontuada por bois e vacas era restabelecida. O verde interminável dos morros era como um quadro inacabado, ao qual faltava uma penca de cores, que precisavam ser urgentemente distribuídas entre casas, pessoas e vegetação. Eu balançava a cabeça com uma tremenda pena de Deus, aquele pintor tão medíocre se comparado a mim e meus desenhos coloridíssimos e enriquecidos com pedacinhos de macarrão, *glitter*, cotonetes, barbante e penas secretamente arrancadas do espanador de pó. Mas, de fato, Deus devia ser um cara muito mais ocupado que eu aos 12 anos.

Numa das maiores curvas na subida da serra, dava para ver nossa imensa casa ao longe. Minutos depois, chegávamos a uma longa ladeira que eu conhecia de cor, com seus esconderijos que serviam para o pique-esconde e para me matar de medo de cobra.

Durante aqueles dois ou três dias que passávamos no interior eu achava que éramos ricos, muito ricos. Embora toda a minha realidade dissesse o contrário quando eu voltava para a escola de freiras, com minhas coleguinhas filhas de grandes empresários, que passavam o fim de semana fazendo escova no cabelo e pintando as unhas, numa época em que eu mal penteava o cabelo e quase nunca lembrava que tinha unhas.

Achava que, se elas soubessem que eu tinha uma casa só para os fins de semana, e daquele tamanho, passariam a me convidar para as festinhas e parariam de me escolher por último nas aulas de Educação Física.

Mal sabia eu que, aos 12 anos, aquelas meninas tinham mais noção de decoração do que eu tenho hoje e, é claro, bastaria uma olhadinha no nosso casarão para entender que ele só tinha tamanho, com seus móveis velhos reaproveitados de decorações antigas, eletrodomésticos herdados de tudo quanto era parente, todos sempre na iminência de quebrar, estofados e cortinas fora de moda, nada combinando com nada. O casarão era uma espécie

de depósito de tudo aquilo que não queríamos mais em nossas casas de verdade, mas que tampouco tínhamos coragem de jogar fora. Éramos fiéis representantes da classe média, com uma propriedade no interior herdada de algum antepassado que eu não conhecera.

Algumas das casas na vizinhança eram igualmente enormes e simples, e as famílias que frequentavam o local eram sempre as mesmas, com seus filhos, sobrinhos e netos que faziam amizade entre si. Crescíamos todos juntos, aos sábados e domingos, mais rápido do que a cidade. A apenas dez minutos dali, no Centro, as pessoas não sabiam direito o que era televisão e, aos domingos, se sentavam à soleira da casa com facas e laranjas, as cascas se enrolando sobre os pés à medida que a conversa fluía.

Os donos das casas de veraneio jogavam intermináveis partidas de buraco no bar do Russo, contando com a participação dos velhinhos locais e seus sorrisos desfalcados. Eu observava, fascinada, as fichas coloridas sobre a toalha de feltro verde puído e, depois, escrevia sobre as incalculáveis fortunas que estavam em jogo ali. E sobre como, após as partidas, os velhinhos se reuniam numa sala secreta, onde os vencedores recebiam seus respectivos prêmios e comemoravam com taças de champanhe. Lá, em vez de bermudas velhas e chinelos confortáveis, os senhores vestiam *smoking*, e as senhoras usavam perfumes

muito doces e tinham os cabelos pintados de azul, como a minha avó. As idas ao interior do Rio me enchiam de ideias para histórias e me faziam acreditar, cada vez mais, que eu queria ser escritora quando crescesse. Não que já não fosse. Eu tinha certeza absoluta de que já era, graças a vários livros que havia escrito em cadernos de espiral que ganhava da minha mãe. Mas é que, veja bem, quando eu fosse grande, pretendia ganhar dinheiro escrevendo.

Para chegar ao bar do Russo eu andava pelo menos dez minutos a pé beirando a estrada, mas sabia que lá encontraria os amigos de sempre, filhos do pessoal da cidade ou dos vizinhos das casas de veraneio. Para mim, que não tinha irmãos, era o paraíso poder brincar de pique-pega ou polícia e ladrão, em vez das tradicionais e comportadíssimas partidas de damas com meu pai depois do jantar, nas quais eu nem podia gritar “Merda!” quando perdia.

3

Naquele fim de semana, em 1988, sentei no banco traseiro do carro, afivelei o cinto de segurança e, como de costume, fiquei observando a paisagem se transformar, até que, depois da grande curva, olhei para o alto e vi o casarão. Assim que o carro engatou na subida, avistei um forasteiro. Sentado atrás de algumas árvores, ele brincava com um punhado de pedrinhas sobre a terra seca.

Os garotos da vizinhança às vezes iam brincar na nossa casa, mas os cabelos muito loiros daquele menino imediatamente me despertaram fascínio e curiosidade. Nunca tinha visto alguém tão loiro daquele jeito, muito menos no interior, onde as pessoas eram todas de um mesmo tom de amarelo cansado, com cabelos lisos e bem pretos marcando os rostos sem graça.

Até aquele momento, tudo o que eu sabia sobre os meninos se resumia a achá-los uns chatos de galocha que puxavam o meu cabelo durante a aula, só pensavam em jogar bola e achavam que Cheetos se enquadravam na categoria “comida” sempre que a gente tentava organizar uma festa americana. Minha primeira reação ao saber que a Juliana da turma B estava namorando e beijava na boca – e de língua, ainda por cima – tinha sido um longo e sonoro “eaaaaaa”. Seguida de chamar a menina de piranha, claro.

Mas aquele menino, entende? Aquele era o menino. Ele era simplesmente perfeito. Minha vida ia ficar muito mais complicada quando eu descobrisse que não bastava um homem ter um nariz como o dele para ser perfeito.

Até hoje não sei dizer o que me deu, mas assim que o carro parou, desci correndo a ladeira para a estrada. Olhei para a árvore sob a qual estava o menino: ele tinha desaparecido. Procurei seu cabelo luminoso. Nada. Continuei a descida devagar, numa espécie de reconhecimento do terreno íngreme e cheio de vegetação. Conhecia de cor todas as clareiras e os esconderijos, afinal era eu mesma quem arrumava e desarrumava as folhas de palmeira criando novos espaços para o pique-esconde.

Quando avistei as três folhas enormes de palmeira à direita, fui até a beira da estrada de terra batida. O menino devia ter descido a ladeira correndo e, àquela altura,

já devia estar próximo ao bar do Russo. Levantei uma das folhas de palmeira e encontrei minha sacolinha de bolas de gude em seu esconderijo secreto. Conferi. Estavam todas lá. Olhei uma última vez para a imensa bola rajada de azul, minha bolinha da sorte, a maior e mais colorida de todas, passei o dedão pela pequena rachadura áspera – o defeito que tinha virado sua marca registrada – e guardei o saquinho.

De repente, um barulho. Fingi que não tinha ouvido e olhei de viés para uma árvore maior logo adiante. Desci mais um pouco a ladeira e vi o tênis dele.

– Ei, estou vendo você! – gritei. – Pode sair daí, não adianta se esconder!

O tênis se agitou nas folhas secas fazendo ainda mais barulho e, lentamente, o menino foi aparecendo. Reconheci os cabelos loiros: era ele.

– Quem é você?

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br